

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Das gavetas ao virtual: matéria, arquivamento e coleções na contemporaneidade

Silvana Seabra Hooper¹

Em 2011, Neal MacGregor, diretor do Museu Britânico lançava o livro “*A History of the World in 100 Objects*”². Não apenas o título do livro, mas também sua proposta é ousada. É possível cumprir tal promessa? É possível percorrer aspectos distintos da vida humana, como a economia, a religião, a arte, a alimentação, ou os conflitos através dos seus objetos? O autor acredita que sim. Assim também acreditam os arqueólogos. Mais recentemente historiadores, a exemplo dos antropólogos têm realizado estudos sobre a cultura material, abordando aspectos que vão para além do seu aspecto mais indiciário. Nesse sentido, a mais recente contribuição da história material tem sido o de retirar os objetos da antiga condição em que eram apenas emblemas de uma época ou sociedade.

Também Pomian (1977) nos alertou igualmente para o fato de que os objetos dispostos em museus, não são apenas ícones, mas estabelecem uma mediação entre tempos (passado e presente), entre mundos diferentes (sagrado e profano), ou entre realidades diversas (culturas diferentes cá e lá). A esta capacitação que têm de carregar um sentido para além de si mesmo Pomian intitulou de semióforo, e os encontrou em inúmeros lugares como nos objetos funerários, nas relíquias religiosas, nos presentes, nas oferendas entre outros. Porém, a Antropologia tem demonstrado que qualquer objeto é interessante, não é inerte e significa para o mundo social. Assim como os humanos, os objetos possuem um história própria, também numa espécie de biografia

A biografia é apropriada para coisas específicas, enquanto passam por mãos, contextos e usos diferentes, acumulando, assim, uma biografia específica ou um conjunto de biografias (APPADURAI, 2008, p. 52).

¹ Prof^a do Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura- Universidade P. Mackenzie

² MACGREGOR, Neil. *A história do mundo em 100 objetos*. Intrínseca editora: Rio de Janeiro, 2013.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Tal perspectiva nos alerta para a importância que os objetos ocupam na vida humana, em todas as suas formas como produtos, como objetos, como mercadorias, ou como tecnologia. Segundo Miller (1987) é interessante observar a negligência dos estudos sobre a cultura material, quando comparamos com uma disciplina como a linguística, de um lado e por outro com a própria produção atual de bens de consumo. No campo da história, os estudos têm caminhado de forma contínua, embora nem sempre tão organizado. Aquilo que chamamos de uma história material possui ligações intrínsecas com muitos modelos de histórias já praticados.

De certa forma é possível dizer que uma espécie de história dos objetos se encontra com os estudos da memória, e também se reencontra com uma história da cultura realizada nos moldes da crítica da história no início do século XIX. Para tanto, talvez seja interessante lembrar os esforços realizados pelos *Annales*, em especial por Braudel em seu trabalho *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*, mas também nos trabalhos mais recentes realizados sob a égide de uma compreensão da vida cotidiana.

Os estudos sobre as coleções, tal como hoje se coloca no campo da História Material, pode então sugerir uma nova capacitação de diálogo com o campo da memória. Também é um novo diálogo que se abre para novas configurações colocadas no campo do arquivamento. E retomam as discussões sobre a história da cultura no seu sentido mais fundacional. O grande desafio colocado para as discussões que ligam história material, memória, coleções e arquivamento são as novas configurações da memória contemporânea, por um lado e por outro as novas tecnologias. No primeiro caso, trata-se como nos alerta Huysen, da polêmica de uma memorialização de tudo, e do outro, não excluído essa primeira afirmação, que as novas tecnologias, que permitem arquivamentos particulares de certos materiais.

O final do século XIX marca o início da preocupação com o arquivamento moderno. Com as modificações estabelecidas pela nova configuração do conhecimento histórico, que passa a se guiar por um ideal de objetividade, se altera também a concepção de arquivo. Os elementos, materiais ou imateriais são “provas do passado”, que de alguma forma, podem ou devem nos levar à verdade sobre “o que realmente aconteceu”. Esse movimento, de caráter mais epistemológico, se somou aos de ordem mais política, como a construção e afirmação dos Estados-nacionais, e resultaram nas ações de

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

construção dos arquivos públicos, museus e coleções. Ao longo do século XX, contudo, se seguiram os movimentos de desconfiança nas pretensões em se alcançar o real, e com isso uma nova concepção de arquivo também foi gerada. Deixando de centrar-se nos grandes acontecimentos, ou apenas nas instituições, uma história ampliada que considerasse a vida na sua totalidade ampliava de maneira significativa a noção de prova. Para além do debate sobre a fonte em si mesma, o debate incluía os atores sociais como determinantes, incluindo o próprio historiador. Não apenas importam o que os sujeitos pensam sobre si mesmos ao longo dos processos históricos, também é igualmente determinante o questionamento que inclui objetos materiais ou imateriais como vestígios do passado. Se as questões deixam um campo macro pela perspectiva micro, isto incide em outros deslocamentos igualmente importantes. Agora também importa uma miríade de narrativas locais, pequenas, construídas sobre materiais inusitados como as narrativas orais, correspondências pessoais, fotos, propagandas, cartazes, músicas, etc. Nesse movimento de valorização do mundo cotidiano e privado é que ganham notoriedade as coleções.

As coleções, em seu sentido amplo, se tornaram assunto dentro das discussões sobre memória e materialidade. Uma vez superada a imagem da coleção como atividade apenas psíquica (Clifford, 1991) seus contornos ganham interesse para a compreensão do mundo contemporâneo. Pierre Nora (1989) acredita, que mais do que um impulso infantil, o ato de colecionar é uma tentativa de fixar sentido dentro de um mundo, cuja aceleração e mudança social promoveram um medo do desaparecimento. Nesse sentido, os museus seriam formas organizadas de nosso mais básico impulso. Contudo, é preciso anotar que a diferença pode não ser de fundo, mas os museus se estabeleceram dentro de uma estrutura, que não deve ser negligenciada.

As diferenças entre museu e coleção se dão no âmbito da singularidade da coleção. Enquanto o primeiro pode abrigar várias coleções, estas não são *per se* um museu, embora possam ser. Já a separação entre arquivo e coleção é mais difusa. O arquivamento pressupõe algum tipo de critério, que é fundamento para o conceito de coleção. Mesmo num processo bastante comum, como no dia a dia de nossos computadores, construímos arquivos. Sejam documentos de fotos, imagens ou textos, acabamos por reuni-los sob algum critério de entendimento que nos permite acessá-los. Obviamente, quanto mais subjetivo for o critério escolhido, menos público e acessível ele se tornará. Assim, toda

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

coleção é um arquivo, mas nem todo arquivo é uma coleção. O conceito de Durost é o mais citado como ponto de partida para o estudo das coleções. Segundo ele:

Uma coleção é basicamente determinada pela natureza do valor atribuído aos objetos ou ideias. Se o valor predominante do objeto ou ideia para a pessoa que o possui é intrínseca, isto é, se é avaliado primeiramente para uso, propósito ou qualidade estética ou outro valor inerente ao objeto, ou resultante de quaisquer circunstâncias de costume, formação, ou hábito, não é uma coleção. Se o valor predominante é representante ou representativo, ou seja, se este objeto ou ideia é valorizado principalmente pela relação que possui com algum outro objeto ou ideia, ou objetos, ou ideias, como sendo parte de uma série, que faz parte de um todo, um exemplar de uma classe, então isso é uma coleção.(DUROST, apud PEARCE, 1994, p. 157)

Os aspectos mais destacados nessa definição se concentram no “uso e não uso”, na ideia de organização por série ou classe e, por último, mas não menos importante, no caráter de totalidade dos objetos reunidos. A ideia de totalidade é o que caracteriza uma coleção para além de sua soma e seu coletor é impulsionado por um desejo de obtenção dos itens que coleciona, o que o caracteriza como um tipo psíquico obsessivo. Embora essa definição mais afeita à psicanálise possa ser encontrada em muitos estudos, Susan Pearce sugere a diferenciação entre o processo de acumulação e o de coleta. A acumulação pressupõe, no mais das vezes, uma reunião de objetos sem uma classificação satisfatoriamente justificada.

Pode-se afirmar que a separação sugerida por Pearce é ainda muito frágil, como no exemplo do personagem Jonathan Safran Foer, de *Everything is Illuminated* (2005), filme do diretor Liev Schreiber. O jovem Jonathan é ele próprio um coletor, mas sua coleção se relaciona a momentos de sua vida familiar e pessoal e não há elemento de ligação entre os objetos fora dos sentidos subjetivos expressos pelo próprio personagem.

Mesmo não sendo absoluta, a tênue linha é suficiente para chamar a atenção para o caráter sempre subjetivo dos processos. Seja na intencionalidade, seja na classificação e manutenção, uma coleção é garantida pelo gesto de reconhecimento do próprio colecionador.

As coleções sempre são conduzidas com categorizações, sejam elas de tempo (no século tal, na década tal), de espaço (geográfico), ou de algo intrínseco ao objeto, como seu pertencimento a uma cadeia de repetições (canecas, camisetas). As coleções atuais podem ser conectadas, portanto, a

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

qualquer outra coleção, em qualquer tempo em qualquer lugar. Por outro lado, a diferença poderia ser formulada exatamente a partir dos objetos. Um mundo de coisas encontráveis em qualquer lugar, e por qualquer pessoa, pode se transformar em uma coleção que atinja o merecimento de caráter público e não unicamente privado. Assim, o estudo das coleções, mesmo as mais esdrúxulas, merece uma boa dose de reflexão sobre a sua qualidade de “*fisiognomistas do mundo das coisas*”, como nos alertava Benjamin (2005) em seus escritos sobre as coleções e os colecionadores. Além disso confirma também o fato de que o mundo dos objetos não é referência objetiva.

Contudo o caráter da “coleção de tudo” e mesmo “qualquer coisa”, como estudo da nossa contemporaneidade, ainda é bastante reduzido, e caminha lentamente. A especialização consagrada como História Material não parece, ela própria, se interessar muito por material contemporâneo, exceção feita aos estudos de Certeau (1994) e talvez ao pioneiro Braudel (1996a, 1996b). Assim, é estranho que um mundo que ganha mais e mais em materialidade com o consumo tenha por correlato a desvalorização do exame desse material.

Alguns estudiosos (MILLER, 1987; SLATER, 1997) têm discutido as bases dessa distância, e apontam uma percepção de mundo condenatória do consumo. O próprio consumo de algo, e não só o consumo de massas, é visto como destruidor, do próprio objeto em primeiro lugar, e também de um certo espírito mais elevado. Nesse sentido é que o consumo de bens não materiais como os da cultura de elite ou alta cultura é melhor avaliado (porque imaterial), quando contraposto ao consumo da cultura popular, que em geral é caracterizado por quinquilharia e objetos sem importância (mundo material). Para além das críticas, Miller considera que a perspectiva moralista do problema do consumo estabelece, sobretudo, uma paralisia em relação ao próprio fenômeno.

Os objetos de uma coleção são significativos de várias maneiras, como já afirmamos em outro lugar. Em si mesmos, constituem uma presença do passado, uma reminiscência de outro tempo. Por outro lado, podem, com a leitura de sua organização, fornecida por uma pesquisa junto ao colecionador, revelar informações que estão na dinâmica da circulação desses objetos.

Além dos pontos já elencados, as questões relacionadas às possibilidades do arquivamento são igualmente importantes. Como bem nos alertou Derrida, o arquivamento não pode ser pensado longe daquilo que ele chama de “dispositivos”. A presente a configuração das estruturas técnicas de

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

arquivamento estabelecem, grande parte, o alcance do público, e o potencial relacionamento dessa memória com o futuro. Nesse sentido, é importante pensar a extensão do armazenamento, e também sua acessibilidade. Além disso, muitos arquivos virtuais estão abertas para alteração, ou ainda permitem níveis de cópia e modificação do objeto original. De certa forma, com as novas tecnologias de comunicação, exponenciamos nossa capacidade de arquivamento, tanto pessoalmente como coletivamente. Com relação às coleções, se antes elas se apresentavam como pontuais, quase mania de alguns, com as novas tecnologias, colecionar é uma mania coletiva.

Contudo, também é verdade que o mundo virtual estabelece um limite à coleção. A discussão sobre a materialidade do virtual é o que se coloca. De forma geral, muito do que se possui se possui como foto, ou como representação da coisa. Por mais que essa discussão esteja colocada desde sempre, com as novas tecnologias é necessário retomar em outro viés essa discussão.

Esta comunicação traz o resultado de uma pesquisa, ainda que parcial, da comparação de 3 coleções. Uma delas (mais ou menos 500 exemplares) é totalmente analógica e reúne livros de culinária destinados à pâtisserie brasileira. A segunda coleção é de cartões postais de Natal para montar (presépios de papel), reúne em torno de 200 elementos e já possui aspectos virtuais, com site de venda de exemplares e partilhamento com outro colecionador estrangeiro. Por último pesquisamos uma reunião de fotos via *Instagram* do Rio de Janeiro à época da Copa 2014 (julho) colocadas sob as *tags* "RIOANTIGO", "RIODEJANEIROGRAM" E "RIOMAIS", ao longo do ano de 2014 a 2016.

Esta última coleção é resultante de uma proposta que pretende exatamente antepor as formas mais canônicas de colecionismo (cuja materialidade na sua forma também clássica é o ponto mais evidente) às formas virtuais. Diante das novas formas de arquivar, popularizadas pelos PC e pelos telefones celulares, aumentamos nossa capacidade de registro, de arquivamento, mas também aumentamos nossa interação. Por outro lado, ainda restam questões sobre se conseguiremos, mesmo que com grande capacidade comunicacional, abarcar a quantidade de produção de registros. Os chamados *Software Studies* têm se mostrado como uma área interessante para enfrentar esse problema. Sobretudo, esse novo campo de estudos apresenta uma preocupação com os estudos da cultura, tentando oferecer análises a partir de grande quantidade de dados, mas que possam ao final resultar em possibilidades analíticas de artefatos culturais. Os resultados estão ainda caminhando, mas

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

já é possível observar grandes avanços em algumas áreas como na literatura com Moretti (2013), nas Artes com Lev Manovich (2005), e com o mesmo Manovich (2013-14) estudos sobre as redes sociais. Além disso os *Software Studies* podem levar em consideração as interações sociais, e softwares podem ser criados para checar a repetição de palavras. Obviamente problema nessa versão mais quantitativa sempre existirá, mas é verdade que para uma quantidade de registros como os do *Instagram*, uma ferramenta como oferece o *Software Studies* é extremamente potente. Além disso, é difícil imaginar que a memória na contemporaneidade se desenvolva numa linearidade como a pensou *Halbwachs*. Diante das novas configurações sociais colocadas pelas novas tecnologias, mas também por muitas outras mudanças, o trabalho com a lembrança e a mudança se configuram em inúmeras formas, sendo as novas mídias uma das mais poderosas.

Referências Bibliográficas

APPADURAI, Arjun, *A Vida social da coisas*. Rio de Janeiro, EdUFF, 2008

BARBOSA, Lívia, GOMES, Laura Graziela. Cozinhas de papel In *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, no 33 janeiro-junho, 2004, pp. 3-23.

Baudrillard, Jean. *O Sistema de Objetos*. Sao Paulo: Perspectiva. 2008.

BELK, Russel W. Collectors and collecting. In: PEARCE, Susan M. *Interpreting objects and collections*. London: Roulledge, 1994.

BENJAMIN, Walter. O colecionador. In *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2006. p. 237-246.

BRAUDEL, Fernand. O *Mediterrâneo* e o mundo *mediterrânico* na época de *Felipe II*. 2 vols. *Editora*. Martins Fontes. São Paulo, 1995. [1979].

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes ed., 1994.

CLIFFORD, James. Objects and Selves In CLIFFORD, James. *Objects and Others: Essays on Museums and Material Culture, History of Anthropology*, Vol. 3, Madison, WI: University of Wisconsin Press, 1985.

DUROST, Walter. *Children's Collecting Activity Related to Social Factors*. New York: Teachers College, Columbia University. 1932.

FOER, Safran Jonathan. *Everything is Illuminated*. Penguin Books Group, 2002.

Freud, S. *Carta 52*. Ed. Estandart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2006

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória. Arquitetura, monumento, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano. Editora. 2000.
- IMPEY, Oliver, MAcGREGOR, Arthur. *The origins of museums: the cabinet of curiosities in sixteenth-and seventeenth-century Europe*. London: Oxford University Press, 2001.
- KOPYTOFF, Igor. A biografia Cultural das coisas. In APPADURAI, Arjun, *A Vida social da coisas*. Rio de Janeiro, EdUFF, 2008.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed.34. 1991.
- LE GOFF, Jacques. *História & Memória*. Campinas: Editora: Unicamp, 2014.
- LE MOS, C.A.C. *O que é Patrimônio Histórico?* São Paulo: Brasiliense, 2000.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural. Marcel: *Ensaio Sobre a Dádiva*; Br, SP, Cosac Naif, 2003
- MENESES, Ulpiano T Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas, *Revista de História*, NS n.115, p.103-117, 1983.
- MILLER, D. *Material culture and mass consumption*. Oxford: Blackwell, 1987..
- PEARCE, Susan. *Interpreting Objects and Collections* (Leicester Readers in Museum Studies) New York-London: Routledge, 1994.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.
- POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural. IN: FIGUEIREDO, Betânia G. e Diana Gonçalves Vidal (org.) *Museus dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte: Argumentum, 2005.
- SLATER, Don. *Consumer culture and modernity*. Cambridge: Polity Press, 1997.
- WALL, Edmund de. *A Lebre Com Olhos de Âmbar*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2011
- MORETTI Franco *Distant Reading*. NY, Verso, 2013.